

DOSSIÊ – A QUADRATURA DO CÍRCULO: TRADUÇÃO DA (E PARA A) POESIA CHINESA



RAQUEL ABI-SÂMARA

“**J**á se disse que traduzir poesia chinesa para um idioma ocidental seria algo tão impossível como a quadratura do círculo”¹ (Campos, 1995: 235). Assim escreve Haroldo de Campos, um dos mais brilhantes intelectuais brasileiros, e, sem dúvida alguma, um dos mais criativos tradutores do século XX, ao lado de Ezra Pound e de Augusto de Campos. “É da essência mesma da tradução de poesia”, prossegue, “o estatuto da impossibilidade. Para quem aborda a arte de traduzir poesia sob a categoria da criação, essa superlativação das dificuldades que lhe são intrínsecas só pode crescer-lhe, na medida proporcional, o fascínio” (idem).

Não é aleatório o início deste dossiê com as palavras de Haroldo. A clareira aberta por esse poeta-inventor, ao traduzir a poesia chinesa para o português, jamais poderá ser ignorada pelos tradutores que buscam, por caminhos criativos, lidar com a impossibilidade da transformação do círculo em quadrado, dos caracteres chineses em escrita fonológica, da poesia chinesa em idiomas indo-europeus. Se a geometria tradicional euclidiana esbarra nessa impossibilidade de trans-posição do círculo ao quadrado e do quadrado ao círculo, a arte da tradução criativa de Haroldo de Campos oferece uma espécie de caminho topológico para a quadratura do círculo. Se imaginarmos que um círculo traçado sobre uma folha/superfície elástica pode ser transformado num quadrado, desde que essa superfície aceite golpes precisos de deformações, e que ainda assim o círculo consegue preservar propriedades qualitativas que lhe são invariáveis, é essa a arte da tradução de Haroldo. Ou pensemos ainda numa outra imagem, cara aos estudos da geometria não-euclidiana: a fita de Moebius, em que um ponto qualquer nela traçado consegue estar simultaneamente dentro e fora dessa estru-

¹ Haroldo de Campos refere-se à comparação feita por Siegfried Behrsing, citada por W. McNaughton, *Ezra Pound et la Littérature Chinoise*. In: *Revista de Cultura* (RC). N. 25 (II série). Instituto Cultural de Macau: 1995. A publicação na RC consiste de duas partes extraídas dos seguintes livros de Haroldo: CAMPOS, Haroldo de. *A arte no horizonte do provável*. São Paulo, Perspectiva, 1969, p. 121-7; CAMPOS, Haroldo de. *A operação do texto*. São Paulo: Perspectiva, 1976, p. 141-2, 146.

tura, por assim dizer, matemática. Parece comparável a poemas traduzidos por Haroldo, que por vezes chega a “interpolar estrategicamente pictogramas do original no texto em português”² (Campos, 2009:22), numa espécie de tradução ao avesso, com espelhamentos e esquemas paralelísticos, em termos gráficos, sonoros, semióticos e semânticos, entre dois sistemas de escrita nem um pouco familiares entre si.

É nesse caminho de poeta-inventor, em busca constante da ‘quadratura do círculo’, com muito conhecimento da tradição e da matéria poética, tanto em língua portuguesa quanto em língua chinesa, que trilha Ricardo Portugal, ao apresentar sua antologia de poemas clássicos chineses da Dinastia Tang (618-907), traduzidos em parceria com Tan Xiao. Como se verá na mostra de poemas apresentados neste dossiê, há não somente um olhar atento para as tradições poéticas nas línguas de saída e de chegada, como também uma escuta apurada da poesia dessas tradições. Os recursos da poesia clássica de língua portuguesa tais como as inversões sintáticas, o metro decassilábico etc certamente contribuem para abrigar o poema clássico chinês na língua portuguesa, o que se consegue com bastante flexibilidade e, sobretudo, soluções criativas. A forma, seja visual ou acústica, é tratada nesses poemas traduzidos com merecida atenção: “não é possível realizar uma tradução poética que recupere minimamente o original apenas com a reprodução do conteúdo, sem consciência de linguagem em relação à forma”, adverte Ricardo Portugal.

Se a metáfora da quadratura do círculo é válida também para o caminho inverso, da tradução da poesia de um idioma ocidental para o idioma chinês, vamos buscar saber por meio de análises e reflexões teóricas de escritores, poetas e estudiosos chineses. É essa a proposta de Júlio Jatobá, no artigo “Poesia e (in)traduzibilidade na língua chinesa”, onde vai apresentar brevemente quatro autores chineses significativos para a história da tradução da poesia sino-ocidental, para além de Yan Fu, cuja proposta de tradução poética, conforme discute Júlio, tem como base a tríplice questão “fidelidade/fluidez/elegância”, que ficou consagrada nos estudos da tradução na China como *xin da ya* (*xin*=fidelidade; *da*=fluidez; *ya*=elegância). A língua chinesa, matéria prima para a escrita da poesia, não poderia também deixar de ser aqui analisada. Afinal, o que é a língua (ou as línguas) chinesa(s)? Pode-se falar de uma língua única chinesa ou seria preferível se pensar no chinês como uma família de línguas? Essa reflexão faz Júlio Jatobá em seu artigo.

E o que dizer da tradução da poesia contemporânea? A língua chinesa, como afirma François Cheng, será “metamorfoseada, (...) como o mostrará, um milhar de anos mais tarde, cerca de 1920, a morte do *wen yan* ‘língua escrita antiga’ e a sua substituição pelo *bai hua*, ‘língua moderna’, que conduzirá a poesia a outras aventuras” (Cheng, 1995:15). Se a poesia tradicional chinesa de formas rigorosas, como por exemplo o *lüshi*, traz em sua bagagem de dificuldades a serem transportadas para outro idioma questões como o complexo contraponto tonal, o paralelismo entre dísticos de versos, a elipse dos pronomes pessoais, a oposição entre palavras plenas e palavras vazias etc, o que dizer da poesia con-

² CAMPOS, Haroldo de. *Escrito sobre jade. Poesia clássica chinesa reimaginada por Haroldo de Campos*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2009. Conferir o poema de Li Po, “Bebendo solitário sob a lua” (“Entre flores”), traduzido por Haroldo com a utilização da estratégia de interpolação mencionada. O poema encontra-se na página 71 desse livro.

temporânea? Em entrevista para este dossiê, o poeta Yao Feng (pseudônimo de Yao Jingming), um dos mais prestigiados tradutores de poesia de língua portuguesa para o chinês, falará um pouco de sua vasta experiência como poeta-tradutor de poesia e como acadêmico-especialista em reflexões sobre tradução poética. Sua experiência inclui reflexões sobre tradução de poesia clássica chinesa para o português, tradução de poetas modernos e contemporâneos de língua portuguesa para o chinês, e também a tradução, ainda que em menor escala, de poemas chineses contemporâneos para a língua portuguesa. Ao final da entrevista, Yao nos brinda um poema de um de seus poetas preferidos, Carlos Drummond de Andrade. Yao reimagina Carlos: “o mundo é grande” em chinês.

E também do time dos mais laureados tradutores de poemas ocidentais para o chinês, temos, de Laurence Wong (pseudônimo de Huang Guobin), o artigo “Traduzindo a imagística de Shakespeare para o público chinês – com referência a Hamlet e as suas versões em chinês e em línguas europeias”, traduzido do inglês por Gustavo Althoff. Fala-se muito da exuberância de imagens e metáforas na poesia chinesa, possibilitadas por características próprias dos caracteres chineses. Laurence faz o caminho contrário, parte de textos teatrais de Shakespeare que traduziu para o chinês e constata que os diálogos em Hamlet, em sua maioria, são compostos por uma sequência de metáforas, de modo possivelmente tão amplo e rico como na poesia tradicional chinesa. Laurence discute a questão das imagens e da metáfora em Shakespeare, destacando categorias de imagens que contribuem, como ferramentas indispensáveis, para a prática reflexiva da tradução de poesia. (Assinala também características rítmicas da poesia chinesa contemporânea, marcadas por pausas, por exemplo, e não mais por tons e contrapontos tonais, como nos poemas clássicos). Outro aspecto relevante destacado por Laurence nesse artigo é o fato de que os versos de Hamlet, ao serem traduzidos para o chinês, devem ser pensados como versos a serem lidos em voz alta, a serem representados nos palcos, em cenas dramáticas, e não lidos silenciosa e individualmente, o que determina, e muito, o resultado de sua dinâmica. Vale destacar aqui que Huang Guobin é considerado na China um dos melhores tradutores de Dante Alighieri. Traduziu a *Divina Comédia* para o chinês, admiravelmente toda em *terza rima*, como no poema original de Dante.

O artigo “Entre idiomas ocidentais e o chinês: o império dos significados na tradução de poesia, a exemplo de Mao Dun”, discute uma tendência na tradução da poesia ocidental para o chinês (e vice-versa), desde o início dessas traduções na China, que ocorreram na década de 1920, logo após o Movimento 4 de Maio (1919). Essa tendência consiste no privilégio do sentido ou dos significados sobre a forma e, principalmente, sobre a unidade forma-sentido do poema. Mao Dun foi um escritor e intelectual de grande influência para a revolução literária na China. Apesar de defender a tradução parcial de um poema, a tradução por sentido, ou, como bem define Antoine Berman, em sua perspectiva da filosofia da tradução, a tradução platônica, Mao Dun tem uma visão ampla e mesmo “polissistêmica” da tradução de poesia (e de literatura, de modo geral). Dun tem plena consciência da influência e do poder de transformação que uma literatura pode ter sobre outra, ou que uma cultura pode ter sobre outra, por meio da tradução da literatura.

Em arremedo a retas paralelas que, ficcionalmente ou não, se vão encontrar no infinito, os artigos desse dossiê apresentam um paralelismo em suas

reflexões, e coincidem em um ponto comum: a necessidade infinita de se continuar a pensar a ‘quadratura do círculo’ em todos os aspectos possíveis, presentes no ofício intuitivo e consciente do verso, e do anverso, como numa fita de Moebius, em que dentro e fora não se separam, assim como sentido e forma, que não se devem separar, para que a tradução platônica não seja nesse contexto um imperativo categórico.

Raquel Abi-Sâmara
raquelmag@umac.mo
Profa. Dra., Universidade de Macau